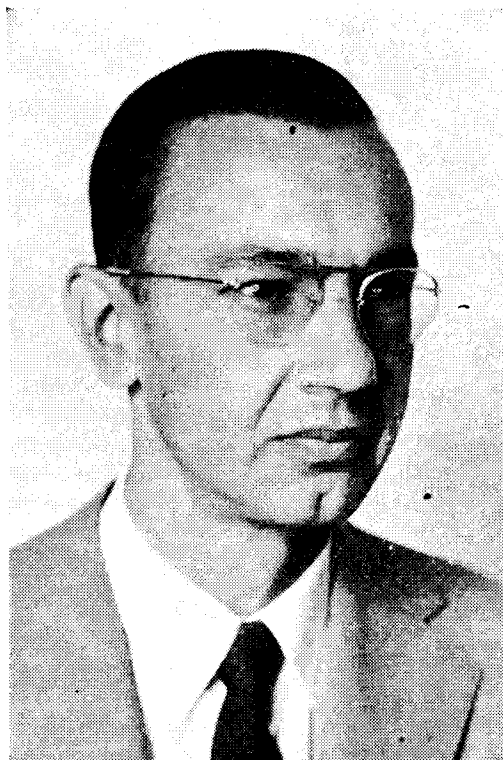


PROFESSOR JOSÉ LIMA PEDREIRA DE FREITAS



O Prof. Dr. José Lima Pedreira de Freitas nasceu aos 12 de janeiro de 1917 em Mococa (Estado de São Paulo), falecendo a 15 de junho de 1966, em Ribeirão Preto, em plena atividade Universitária, no exercício do cargo de Professor Catedrático de Higiene e Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Diplomou-se em medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em 1941, depois de um curso brilhante em que conquistou por duas vezes o «Prêmio Paulo Montenegro», destinado a galardoar o melhor estudante da turma. Em 1943 ingressou, como Assistente, no Departamento de Parasitologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, tendo se dedicado, nos três primeiros anos deste cargo, a pesquisas sobre malária e malarioterapia. Após um estudo clínico sobre Doença de Chagas, realizado em colaboração com o Prof.

L.V. Decourt em 1946, percebeu o atraso em que estavam nossos conhecimentos sobre numerosos aspectos da doença em aprêço, principalmente em relação ao seu diagnóstico, epidemiologia, tratamento e profilaxia. Desde logo dedicou-se a estudos do diagnóstico dessa parasitose, publicando só ou em colaboração com J.O. de Almeida, vários trabalhos fundamentais neste campo, quer do ponto de vista parasitológico (métodos para a demonstração de parasitas), quer sobre os processos imuno-biológicos. Seus trabalhos neste campo se destacam pela excelência e originalidade, como «Contribuição para o diagnóstico da Doença de Chagas por processo de laboratório» (1947) e «Nova técnica de fixação de complemento para Moléstia de Chagas — Reação quantitativa» (1940) (êste em colaboração com J. O. Almeida). Posteriormente publicou numerosos outros estudos sobre diagnóstico da Doença

de Chagas, para, em seguida, aplicá-los na prática da Saúde Pública, realizando inquéritos epidemiológicos em vários municípios de São Paulo, Goiás e Minas Gerais.

Em 1947 funda um Pôsto para Estudo da Moléstia de Chagas em Cássia dos Coqueiros (Município de Cajurú), onde realiza vários trabalhos nos quais encara aspectos clínicos, hematológicos, epidemiológicos e diagnósticos da doença, bem como o valor de inseticidas na sua profilaxia. Publica em 1949 (em colaboração com Ramos e Borges), importante pesquisa clínico-epidemiológica realizada naquela localidade em que mostra superar a etiologia chagásica qualquer outra causa de cardiopatia em uma zona endêmica. Torna-se livre docente de Parasitologia em 1951, após concurso de títulos e de provas, apresentando como tese para êsse concurso «Reação de fixação de complemento para diagnóstico da moléstia de Chagas, pela técnica quantitativa», obtendo distinção (grau 10). Durante o ano de 1952-1953, fez o Curso de Saúde Pública na Universidade de Johns Hopkins (Baltimore E.U.A.) obtendo o título de «Master in Public Health».

Regressando dos E.U.A. foi contratado, em setembro de 1953, para Professor Adjunto do Departamento de Parasitologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (Professor catedrático Dr. Mauro Pereira Barreto), e um ano após, Agosto de 1954, foi convidado para Professor do Departamento de Higiene e Medicina Preventiva desta mesma Faculdade, efetivando-se na Cátedra após concurso realizado em 1963.

Como Professor de Higiene e Medicina Preventiva, organizou o Prof. Pedreira seu Departamento em bases inteiramente novas em nosso país, isto é não como uma especialidade, mas como uma nova modalidade de encarar a formação do espírito do aluno, visando à formação preventiva do médico. Para melhor ministrar os cursos, instalou um Serviço de Assistência Médico-Preventiva e Social às famílias, em colaboração com a Escola de Enfermagem local. Entrou em colaboração ativa com o Ambulatório de Puericultura, Dispensário de Tuberculose e Centro de Saúde de Ribeirão Preto. Ampliou o primeiro Pôsto de Cássias dos Coqueiros, transformando-o em Centro de Estudos, que passou a servir de estágio para alunos de outras Departamentos e Clínicas da Faculdade de Medicina. Constitui atualmente excelente Centro Rural, no qual estagiam os

sextanistas e internos, a fim de familiarizem-se com os aspectos da medicina rural.

Nesta fase de sua atividade demonstra pela primeira vez a transmissão do *T. cruzi* pela transfusão de sangue (em colaboração com Biancalana, Amato Neto, Nussenzweig e Barreto). Logo em seguida amplia os nossos conhecimentos sobre a presença de portadores de *T. cruzi* entre doadores de sangue em vários Bancos de Sangue de S. Paulo (1952-1953) e de Minas Gerais (1955-1956), e demonstra (com os mesmos colaboradores) ser a violeta de genciana substância química capaz de esterilizar o sangue «in vitro».

Nos anos de 1960 a 1964, realizou vários estudos sobre a biologia de triatomíneos, mostrando, pela primeira vez no Brasil, a importância das palmeiras como focos naturais da tripanosomose de Chagas. Em 1963 publica sua tese de Concurso à Cátedra de Higiene e Medicina Preventiva: «Importância do Expurgo Seletivo dos Domicílios e Anexos para a Profilaxia da Moléstia de Chagas pelo Combate aos Triatomíneos». Nesta tese magistral são expostos e analisados cerca de 6 anos de trabalhos de expurgos experimentais, sistemáticos, em Cássia dos Coqueiros, e nela o seu autor chama a atenção para a toxicidade dos inseticidas e sobre a possibilidade de que possam resultar sérios malefícios para o homem do prolongado contato com essas substâncias. Sugere-se deva procurar outros agentes, ainda que não dotados de ação residual, devido à maneira lenta com que é feita a reinfestação dos domicílios. Recomenda ainda o expurgo eletivo limitado aos domicílios encontrados ainda infestados nos repasses sucessivos, e não o rociado em todas as casas como ainda hoje é feito. Mostra êste trabalho a preocupação do cientista com a saúde do homem, ameaçado pelo uso indiscriminado de inseticidas, principalmente os de ação residual, estudando com paciência e pertinácia incriveis, durante mais de 6 anos, a maneira da reinfestação das casas, a fim de poder preconizar um combate eletivo com os inseticidas atuais, até que se descubra algum outro, mesmo não dotado de ação residual, que não possua ação tóxica sobre os moradores das residências infestadas pelos «barbeiros».

Além dos trabalhos sobre malária e doença de Chagas, publicou ainda o extraordinário pesquisador vários outros, abrangendo outros campos da ciência médica tais como: o primeiro caso de sarcosporidiose humana observado no Brasil; a aplicação do método

quantitativo para fixação do complemento para o diagnóstico da esquistossomose (em colaboração com J. Pellegrino); estudos sobre o ensino da Medicina Preventiva e da Saúde Pública. No total publicou cerca de 70 trabalhos originais e realizou mais de 30 conferências, em que abordou não só questões referentes à Doença de Chagas, como às verminoses, à malária, às doenças transmissíveis e sobre cultura e ensino médico.

Além do cargo de Professor, exercia as seguintes atividades: Perito consultor em moléstias parasitárias para a O.M.S.; Consultor da O.M.S. e da O.P.A.S. para Moléstia de Chagas; Consultor da O.M.S./O.P.A.S., junto ao Dep. Preventivo de Medicina Social de Mendoza (Argentina); Assessor e Membro da Comissão do D.N.E.Ru., para estudos da Profilaxia da Doença de Chagas. Tomou parte em inúmeros Congressos, Mesas redondas, Simpósios, Conferências, etc., sendo que a morte veio colhê-lo justamente quando voltava da Colômbia, onde fôra representar a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto em simpósio sobre ensino médico.

Conquistou o Prof. Pedreira de Freitas vários prêmios científicos, como o «Prêmio João Florêncio Gomes», da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1947); «Ricardo Pierce Júnior» da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo (1948); «José Pinto Alves» da Associação Paulista de Medicina de São Paulo (1950) e «Prêmio Antenor Consoni» da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (1964).

Como homem o que distinguia o Prof. Pedreira era a sua autenticidade e a sua extraordinária retidão de caráter. Nunca fêz nenhuma concessão em seu modo de pensar ou

de agir para agradar a quem quer que fosse se não fosse ela a expressão exata do seu sentimento. Tinha firmes convicções filosóficas e possuía fé católica inquebrantável; junto à nobreza de um espírito reto destacava-se pela firmeza com que sempre defendia suas convicções e os princípios de justiça, de liberdade e de dignidade humana. Dêle ouvimos várias vezes o conceito de ser impossível cultivar a ciência a não ser em clima de liberdade: liberdade de escolha do objetivo a pesquisar; liberdade de discussão e liberdade de expressão.

No seu Departamento criou um ambiente de trabalho, amizade e cultura. Frequentado não só por seus assistentes e médicos de outros Estados brasileiros e estrangeiros, mas ainda por numerosos estudantes dos últimos anos do curso médico, a todos tratava com carinho e com extrema polidez; sua simples presença infundia em todos os seus auxiliares e colaboradores mais entusiasmo e mais vigor na realização das próprias tarefas, e o convívio constante com êle comunicava uma certeza quase mística de que, no final, a justiça, a paz e a liberdade seriam, no mundo, as forças vencedoras.

O Prof. Pedreira de Freitas foi casado com D. Gilda Marcondes Pedreira de Freitas, sua companheira de ideais, que sempre o animou e o estimulou na sua brilhante carreira científica. Possuidora de educação esmerada e de viva inteligência, voltou-se quase exclusivamente para os encargos da criação de seus sete filhos (seis dos quais ainda de menor idade) a fim de que, roubando-o de tarefas rotineiras, pudesse dedicar-se integralmente à vida científica e universitária.

Samuel Barnsley Pessôa

**Corrêa Lima, E. — ESQUISTOSSOMOSE MANSONI NO ESTADO DO PARANÁ —** Estudo da distribuição da fauna planorbídica como fator de localização da endemia — Curitiba, 1965.

O estudo epidemiológico realizado no Paraná permitiu conhecer a fauna planorbídica e delimitar a área de implantação da endemia neste Estado:

1º) A fauna planorbídica do Estado do Paraná é, atualmente, representada pelas espécies: **Australorbis glabratus** (Say, 1818) — **Australorbis tenagophilus** (d'Orbigny, 1835) — **Australorbis peregrinus** (d'Orbigny, 1835) — **Australorbis philippianus** (Dunker, 1848) — **Drepanotrema cimex** (Moricand, 1837) — **Drepanotrema melleum** (Lutz, 1918) e **Drepanotrema nordestense** (Lucena, 1953).

2º) Considerando-se o zoneamento fitogeográfico, as espécies têm a seguinte distribuição: a) **Zona Pluvial Tropical e Sub-Tropical Marítima**: **A. tenagophilus**, **A. philippianus**, **D. nordestense** e **D. cimex**. b) **Zona dos Campos Gerais e Matas de Araucária**: **A. peregrinus**, **A. glabratus**, **A. tenagophilus**, **A. philippianus**, **D. cimex**, **D. nordestense** e **D. melleum**. c) **Zona Tropical Pluvial do Interior**: **A. peregrinus**, **A. glabratus**, **A. tenagophilus**, **D. cimex** e **D. nordestense**.

3º) O **A. tenagophilus**, de distribuição ampla na Zona Pluvial Tropical e Sub-Tropical Marítima, é encontrado em densidade apreciável na cidade portuária de Paranaguá, especialmente em valas que circundam o cais. Na dos Campos Gerais e Matas de Araucária, foi identificado nos municípios de Guaira e Curitiba. Na Tropical Pluvial do Interior, aparece nos municípios de Assaí

4º) O **A. glabratus**, de distribuição restrita à zona Pluvial Tropical do Interior, foi identificado em 25 dos 34 municípios positivos para planorbídeos. Aparece, contudo, em foco isolado no município de Curitiba, incluído na zona dos Campos Gerais e Matas de Araucária, sem relação com outras áreas que pudessem justificar sua progressão natural.

5º) O aparecimento do **A. glabratus** no Estado coincide com a colonização da chamada "zona cafeeira" e sua dispersão vem se fazendo pelos cursos d'água nos núcleos populacionais

mais densos. Em alguns municípios, a espécie mantém-se em cursos d'água que circundam localidades e que têm suas nascentes nos quadros urbanos; finalmente, nas áreas de colonização mais antiga, dissemina-se amplamente.

6º) Em algumas localidades, a implantação do **A. glabratus** foi conseqüência da curiosidade infantil, perfeitamente comprovada em Apucarana. Em outros, parece evidente o papel desempenhado pelo homem no transporte do molusco.

7º) O **A. peregrinus**, de distribuição ampla em duas zonas fitogeográficas, ocorre em coleções d'água no peri-domicílio e, por vêzse, até no interior de mata densa. É a espécie nativa do Estado. Contudo, na zona Pluvial Tropical do Interior, vem cedendo terreno ao **A. glabratus**. O encontro de criadouros albergando os dois moluscos evidenciados em Bandeirantes substancia tal conclusão.

8º) As precárias condições sanitárias e o povoamento desordenado do solo vêm favorecendo a proliferação das espécies de planorbídeos.

9º) O encontro de **A. glabratus** na zona Pluvial Tropical do Interior permitiu delimitar a área de provável ocorrência da mansoniose.

10º) A delimitação da área de ocorrência do **A. glabratus** evidencia a parasitose autóctone nos municípios de Conselheiro Mayrink, Ibiporã, Jataizinho, Joaquim Távora, Leopólis, Londrina, Porecatu, Primeiro de Maio, Rancho Alegre, Sertaneja, Sertanópolis, Pinhalão e Itambaracá. Os demais municípios, com **A. glabratus** e sem transmissibilidade aparente, devem ser considerados como potencialmente importantes, pois a endemia vem se alastrando intensamente na área onde a espécie está confinada.

11º) Os casos autóctones, oligosintomáticos, permitem supor que as infestações não são intensas, capazes de propiciar casos clínicos graves, apesar do contacto permanente dos doentes com os locais de transmissão.

12º) Observações cuidadosas e a longo prazo devem ser feitas na área do **A. tenagophilus**, em especial na zona portuária de Paranaguá, onde os dois elos da cadeia epidemiológica se fazem presentes — o homem doente e o molusco vetor.